PERCURSO LIVRE
LÍNGUA PORTUGUESA

Ensino Fundamental

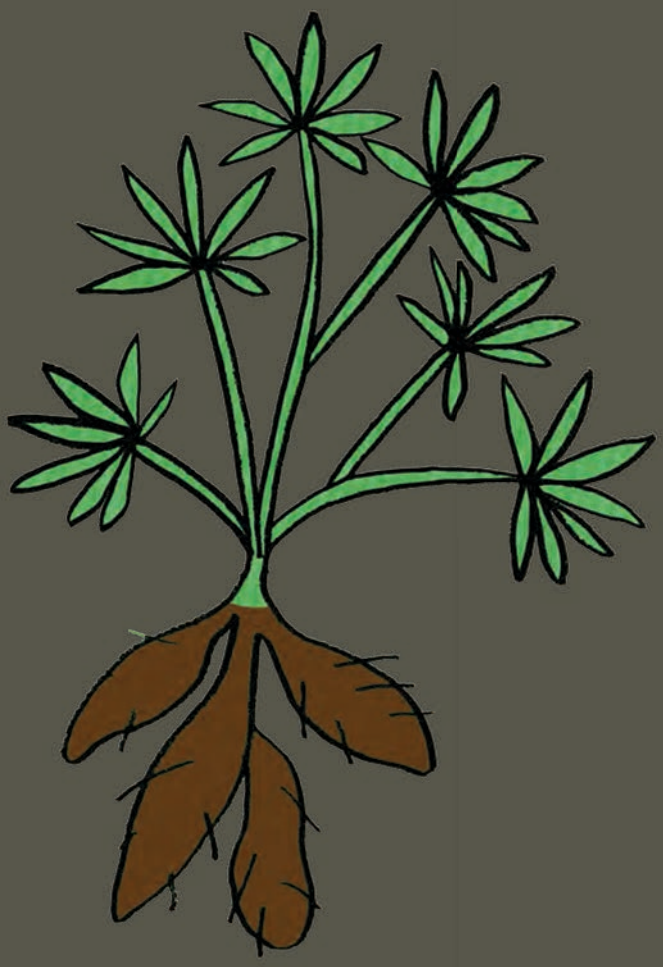




PERCURSO LIVRE
LÍNGUA PORTUGUESA

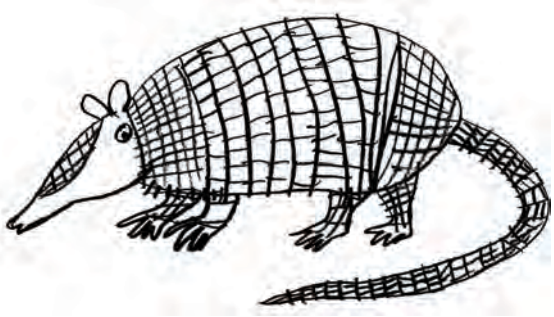
Ensino Fundamental

Catando piolhos
Contando histórias



1º ENCONTRO *Vida em comunidade/pertencimento - 10*

2º ENCONTRO *Infância - 20*



3º ENCONTRO *A mãe natureza - 30*

4º ENCONTRO *De geração em geração - 40*

5º ENCONTRO *Catando piolhos - 48*





Professor(a),

Você já sabe que o Percurso Livre tem o objetivo de ajudar os estudantes a reencontrarem o prazer da leitura. A língua é o instrumento que o homem tem para entrar em contato com o que o cerca, interagindo, discutindo, mostrando sua opinião. Ao melhorarmos a capacidade de uso do português dos nossos estudantes (lendo, ouvindo, falando ou escrevendo), estamos, certamente, contribuindo para que eles possam exercer plenamente a sua cidadania.

Veículo da expressão da cultura de um grupo social, a língua marca a individualidade, o estilo de um povo. E a literatura é uma dentre as várias funções comunicativas e expressivas da linguagem. Trabalhar textos literários, comparando-os ou aproximando-os de outros gêneros de textos (como notícias, publicidade, *internet*) e fazeres artísticos (música, teatro, cinema, artes plásticas), ajuda a desenvolver o gosto por nossa cultura.

Uma leitura eficiente se faz quando o leitor é capaz de compreender tanto os dados explícitos quanto o que está nas entrelinhas de um texto. Ler pode ser um ato solitário, mas quando lemos nunca estamos "sozinhos". Nosso passado, vivência e leituras são as ferramentas que possuímos para dar significado ao texto. Por isso, é válida a discussão e a troca do entendimento de vários leitores sobre um mesmo texto.

Professor(a), você recebe em suas mãos um Percurso Livre que leva a conhecer a identidade dos povos nativos deste território que já era habitado antes de os portugueses aportarem aqui, chamando-o de Ilha de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz e, então, Brasil. Entenderemos suas expressões e manifestações e como a interação com culturas tão diferentes forma o indígena de hoje.

Cada estudante recebe seu próprio exemplar do livro *Catando piolhos, contando histórias* e, neste caderno do Percurso Livre, você encontra sugestões de atividades para serem trabalhadas em cinco encontros. Aqui oferecemos desdobramentos e estímulos para mergulhar nessa cultura que permeia nossas vidas, mas só você pode garantir o clima de prazer em cada um desses encontros. Sua atuação será fundamental para que os estudantes sintam-se confortáveis, integrados e motivados para interagir em sala, criando expectativas para as próximas leituras.

Este caderno Percurso Livre de Língua Portuguesa está estruturado da seguinte forma:

A seção **Primeiras palavras**, como o nome já diz, é uma conversa inicial a respeito do tema. Não é uma atividade para ser ministrada aos estudantes, e sim uma instigação para você, professor(a). Sugerimos que este texto seja lido antes da preparação da sua aula. Pense nestas informações como uma ferramenta que vai auxiliá-lo na construção de um cenário. Estabelecido, assim, o foco do encontro, você pode organizar o trabalho passo a passo.

O **Vamos começar** é uma primeira atividade para "esquentar" a turma, que aguça a curiosidade e dá motivação para os estudantes iniciarem a leitura. Em cada encontro, é proposta uma dinâmica diferente; pode ser um jogo de palavras, uma música, uma adivinha, uma atividade em roda.

Momento da leitura. Em cada encontro, alguns estudantes são incumbidos de realizar a leitura de um trecho do livro em voz alta, enquanto o restante da turma a acompanha. Para que os estudantes façam uma boa leitura, é fundamental que deem sentido ao texto. É preciso que tenham uma ideia global da história a ser lida, que tirem as principais dúvidas sobre o sentido das palavras e saibam que sensações e emoções desejam despertar nos ouvintes.

Após a leitura, é a hora da **Mão na massa**, quando os estudantes constroem uma compreensão mais ampla do texto por meio de jogos e oficinas. São atividades de experimentação em grupo com o objetivo de desvendar os códigos da cultura indígena. Vamos trabalhar com assuntos que estejam no dia a dia por meio de músicas, jogos teatrais e muito mais.

Descobrimento são informações de cultura geral para o(a) professor(a) partilhar com os estudantes em diferentes momentos – na preparação para a leitura ou durante as atividades de grupo. **Navegando na internet** abre outras possibilidades de pesquisa e relações com o tema proposto no encontro. A compreensão do significado de palavras e expressões, bem como do contexto em que se inserem as narrativas, pode ser facilitada pela consulta ao **Glossário** em cada encontro.

Dicas para dinamizar os encontros:

Ler com prazer

"A leitura é uma viagem". Não sabemos se os nossos estudantes já têm essa sensação, mas é isso que queremos proporcionar a eles. Vamos propor uma viagem mítica, com encantamento e tradição indígenas. E que tal transformar a sala de aula na atividade do Percurso Livre em um espaço ainda mais agradável para esta viagem? Para tanto, a turma pode providenciar almofadas, plantas, gravuras, fotos – enfim, o que os estudantes decidirem que pode contribuir para criar um espaço onde a viagem vai começar.

Ler e entender

Utilize o glossário, questione seus estudantes a respeito do significado daquelas palavras antes ou depois da leitura.

Converse com a turma sobre como lidar com as palavras desconhecidas, cujo significado ignoramos. Em casos assim, a grande quantidade de palavras novas costuma desanimar algumas pessoas a seguir com a leitura. Outras conseguem até ler o texto, mas ficam com a sensação de que "leram mal" o livro.

O processo de leitura pressupõe uma troca de informações, uma interação autor/leitor. Podemos relacionar o trecho que temos dificuldade de entender com o restante da história. Não é preciso, portanto, parar a cada palavra ou construção obscura para pesquisar o seu sentido. A própria leitura do que vem antes ou depois dela vai ajudar na compreensão.

Ler e partilhar

Esclareça os estudantes a respeito do ritmo do trabalho no Percurso Livre. Diga que em cada encontro será lido em sala um trecho da obra e que, com essa leitura compartilhada e feita em voz alta, todos terão a chance de se expressar.



Percurso Livre – Como surgiu: mitos indígenas brasileiros

Tem sempre uma lanchonete na esquina que vende uma tigela de açaí. O azedo do cupuaçu casa muito bem com o doce do chocolate. Tem quem coma cajá com uma pitada de sal. Herdamos muitos costumes indígenas na culinária. Comemos raízes, como o inhame e a mandioca. Mandioca, aipim ou macaxeira? Tanto faz! Os três jeitos vêm do tupi para se referir à iguaria. A origem desses ingredientes está na língua indígena: tanto no som quanto no saborear.

A medicina encontrou soluções nas tradições indígenas. Podemos usar nas feridas o óleo de copaíba que encontramos nas farmácias. Em algumas regiões, o chá da casca é bastante utilizado como anti-inflamatório. O chá de cumarú é indicado no tratamento de gripes e resfriados.

Ao final de um domingo, nos embalamos na rede para relaxar ou até tirar um cochilo. Tomamos banho com tanta frequência que podemos chocar outras culturas. Muitas vezes nos sentamos de cócoras, como os indígenas quando se reúnem.

Vamos conhecer mais a fundo as raízes desses nossos hábitos e costumes para reconhecer nossa herança indígena. Quer melhor jeito do que viajar nas páginas de livros com contos, mitos e experiências do nosso povo originário?

Daniel Munduruku é um dos maiores escritores indígenas do Brasil, com 45 livros publicados. Nascido na Aldeia Maracanã, no Pará, pertence ao povo Munduruku e atualmente vive no Estado de São Paulo. Dedicou-se à vida acadêmica: é graduado em Filosofia, História e Psicologia, mestre em Antropologia Social, doutor em Educação e pós-doutor em Literatura. Como professor, costuma passar um pouco de sua tradição oral para suas turmas. Um dia, em sala de aula, uma aluna lhe perguntou onde ela encontraria mais informações sobre as tradições e mitos indígenas. Foi aí que Daniel percebeu que a cultura indígena ainda estava muito restrita às aldeias e tornou-se escritor, contando em livros um pouco da cultura de sua etnia e trazendo também contos de outros povos.

O livro escolhido para esse Percurso Livre fala sobre a vida na aldeia, a relação próxima com a natureza, os ensinamentos passados de geração em geração, tudo isso em contos passados em íntimas sessões de catação de piolhos e em momentos de união dos indígenas para ouvir histórias. *Catando piolhos, Contando histórias* é uma imersão no cotidiano dos jovens indígenas da aldeia Munduruku.


1.028 - Adiantamento
1.038 - Auxílio Transporte
1.044 - Tarifa Pagt Salar
1.051 - Contribuição Con
1.052 - Cont
1.061 - Exam
1.070 - I.R.
1.100 - Uniforme(s)
1.103 - Vale
1.107 - Auxílio
1.116 - Plano Odonto
LULU
of Judging
Candidates from the
preliminary judging
2014
Plaque and USD
Plaque and USD
Plaque and US
1.01.017
1.01.211
1.01.603
1.01.624
- Despesa
and hosting NAMBOOK Festiv
tional children's book festival dedi

1º ENCONTRO

Vida em comunidade/pertencimento

Primeiras palavras

"Quem vive em uma aldeia sabe que todos são responsáveis por tudo". Página 10.

A vida em comunidade é o tema que o autor introduz e destaca logo no começo do livro. Nas aldeias indígenas, cada um tem o seu papel e todos são fundamentais para a vida em harmonia. Os homens, por exemplo, caçam, pescam e são os guerreiros que defendem a tribo em situações de perigo. As mulheres buscam frutas, legumes, água, lenha e preparam o alimento, que sacia a fome de todos. O cacique é o chefe da tribo, é ele quem cria as regras, resolve conflitos e organiza os grupos de caça. O pajé é o curandeiro e se comunica com os espíritos para pedir chuva, cura e boa sorte na caça. Todas as funções se complementam, como as peças de um grande quebra-cabeça.

Como se organiza a sociedade em que você vive? Qual é o seu papel nela? E em sua casa, há uma divisão de tarefas? Como você participa?

Neste primeiro encontro, professor(a), discuta essas perguntas com os estudantes, conversando sobre a vida em comunidade e o sentimento de pertencimento que une todos os membros da aldeia como uma grande família.

Vamos começar

Professor(a), vamos começar com uma atividade sobre grupos e pertencimento.

Recorte ou peça para os estudantes trazerem imagens dos assuntos abaixo:

- Personagens: crianças, personalidades (pessoas famosas), adultos desconhecidos (procure oferecer imagens de pessoas com roupas diferentes).
- Bens e alimentos: objetos domésticos, meios de transporte e comidas.
- Lugares: cidades, moradias, cenários de lazer (praia, rio, campo, parque).

Divida a turma em 5 grupos. Cada grupo deve escolher até 6 imagens pensando em um conjunto.

Depois, os grupos vão apresentar as imagens e explicar que raciocínio usaram para criar aqueles agrupamentos.

Converse um pouco com eles sobre o que entendem como comunidade e pergunte-os se, caso eles soubessem que o objetivo da atividade era criar comunidades, eles teriam agrupado essas imagens de forma diferente e por quê?

Pertencimento, identidade e comunidade (do latim *commūnĭtās*, pertencente a todos ou a muitos). Discuta sobre as relações entre essas palavras, como elas se aplicam nos contextos em que estão inseridos (sociedade, família, escola, bairro, cidade, etc.), relacionando também com o contexto em que vamos começar a mergulhar a partir da leitura do livro *Catando piolhos, Contando histórias*.

Boa leitura!

Momento da leitura

Professor(a), a leitura de um livro começa antes mesmo de abrirmos suas páginas.

A capa também nos traz informações, nas palavras e nas imagens. Explore-a com os estudantes, com perguntas para fomentar o pensamento! O objetivo dessa leitura compartilhada, além da alfabetização visual, é estimular que os alunos descubram como o livro, desde sua capa, nos conta sutilmente o tema de suas histórias, a origem de seu autor e outras informações.

A melhor maneira de realizar essa leitura, que antecede a do próprio texto, é organizar a turma em círculo ou semicírculo, convidando-os a sentarem bem próximos a você, concentrando o olhar de todos em um único exemplar, o que estará em suas mãos.

As perguntas abaixo vão ajudar a desenvolver a leitura:

Há palavras na capa? Quais são elas? Catando Piolhos / Contando Histórias / Daniel Munduruku / Maté e Brinque-Book. Dessas palavras, quais podemos dizer que são do nosso idioma? De onde elas vêm? Observe que os verbos do título estão no gerúndio: *Catando piolhos, contando histórias*. Por que será que o autor escolheu esse tempo verbal? O gerúndio dá ideia de movimento e de que as ações acontecem ao mesmo tempo.

Quais imagens formam a ilustração da capa e da contracapa? Como sabemos que a figura central é uma mulher? Ela está vestida? Que acessórios usa? Como são os traços de seu rosto? E seus cabelos, como estão arrumados? Está deitada ou em pé? E a paisagem, o que ela nos conta? Será que a(s) história(s) se passa(m) em um só lugar? Acontece(m) de dia ou à noite?

Após a identificação desses elementos, chame a atenção dos estudantes para pensar que a maneira que nos vestimos, os alimentos que comemos, a língua que falamos formam nossa identidade e nos unem em comunidades.

Identifique as cores com os estudantes e estimule-os a pensar se há relação com o tema e cenário. Pergunte se eles acham que as cores foram escolhidas ao acaso ou com algum propósito. As escolhas do ilustrador às vezes nos passam despercebidas, mas são importantes no nosso diálogo com as histórias. Retome o tema após a leitura da história "Uma conversa ao pé do ouvido, ou como fiz para ilustrar esse livro" (páginas 42 e 43).

Após analisarmos a capa, será que podemos prever que história(s) será(ão) encontrada(s) no livro? Que relação podemos fazer entre as folhas de guarda, a dedicatória, a folha de rosto, a penúltima folha (onde se encontram os dados complementares da edição) e o título do livro? Professor(a), estimule os estudantes a procurarem os piolhos pelas páginas e retome esta brincadeira ao longo dos encontros.

Leia em voz alta as páginas 7 e 8 e depois divida os estudantes em cinco grupos. Distribua, para cada grupo, um único parágrafo dessa parte do livro. Cada grupo deverá usar de mímica para que o restante da turma adivinhe a que trecho do texto se refere. Dê um minuto para que leiam novamente o texto e preparem sua ações.

Em seguida, chame a atenção para a assinatura do texto, identificando que o narrador é também o personagem. Por que ele assina só nessa parte? Será que ele também é personagem em algum outro momento do livro?

Volte ao sumário e pergunte aos estudantes o porquê da escolha das imagens para cada título, questionando se o desenho ilustra o texto ou nos oferece um novo elemento da história.

"Um lugar de todos"

Para conhecermos a história das páginas 10 a 14, escolha objetos semelhantes e distribua-os, dando a alguns estudantes as seguintes funções: a) leitores; b) detetives; c) pesquisadores; d) adivinhos. Os leitores vão ler a história; os detetives serão responsáveis por identificar as novas palavras, os personagens e o narrador; os pesquisadores, por procurar no dicionário o significado das palavras que ainda não conhecerem; e os adivinhos, por dizer no fim da página 11, antes de acabar a história, como eles acham que será o seu final.

Então, proponha uma roda de conversa. Dê espaço para que os estudantes detetives e pesquisadores partilhem de suas buscas e respostas. Direcione a atenção para que percebam a diferença entre a memória do autor e o mito, e entre os personagens que pertencem a esses dois universos.

Mão na massa

"Muitas vezes é preciso que algumas pessoas se sacrifiquem para o bem de todos. É importante que todos façam a sua parte, para que o nosso mundo continue vivo e alegre." (Página 14)

Nó humano

A atividade desse encontro tem como objetivo a cooperação e a união da turma. Professor(a), é interessante que você apenas fique como orientador da dinâmica.

Organize os estudantes em uma roda, de mãos dadas. Peça para que todos observem bem o lugar que estão ocupando nesta roda, quem está ao lado direito e quem está ao lado esquerdo.

Depois, coloque uma música e indique que caminhem livremente pelo espaço da sala, observando o ritmo de andar do coletivo.

Passado algum tempo (que pode ser a duração da música escolhida), dê um comando para que todos parem exatamente onde estão e busquem, com o olhar, encontrar as pessoas que estavam ao seu lado direito e esquerdo. Depois, devem, sem sair muito do lugar, dar novamente as mãos para as mesmas pessoas que estavam ao seu lado na roda. Isso formará um nó, um "bolo" de pessoas, que devem se "desembolar" e formar novamente a mesma roda inicial, sem soltarem as mãos.

Ao final da atividade, promova uma reflexão: Vocês perceberam que, para todos conseguirem voltar aos seus lugares, foi necessária uma cooperação coletiva?

Observaram que, estando de mãos dadas, quando uma pessoa se mexe, todos na roda são obrigados a se mexer também? Seja abaixando para que alguém passe, levantando os braços, se apertando ou esticando, todos tiveram que se esforçar para que o grupo conseguisse atingir o objetivo em comum.

Vocês veem alguma relação entre essa atividade e a história que acabamos de ler? Qual?

Momento musical

Na música popular brasileira, há diversos compositores que trataram da realidade indígena em suas letras com os mais diferentes enfoques. Observe como Jorge Ben Jor nos traz esse tema na canção "Curumim chama cunhatã que eu vou contar", mais conhecida como "Todo dia era dia de índio".

Coloque a canção para os estudantes escutarem (sem entregar a letra para eles, a princípio).

Depois, pergunte se eles já conheciam esta canção e se, para eles, esta é uma música "alegre" ou "triste" e por quê?

Distribua a letra da canção para os estudantes e pergunte sobre as palavras indígenas que aparecem nas duas primeiras estrofes:

Jês, Kariris, Karajás, Tukanos, Caraíbas, Makus, Nambikwaras, Tupis, Bororós, Guaranis, Kaiowa, Ñandeva, YemiKruia Yanomá, Waurá, Kamayurá, Iawalapiti, Suyá, Txikão, Txu-Karramãe, Xokren, Xikrin, Krahô, Ramkokamenkrá, Suyá

Eles conhecem alguma dessas palavras? Sabem que a maioria delas é nome de tribo indígena? E a palavra curumim, que consta no título da canção e em algumas estrofes, eles já escutaram em algum lugar? Sabem o que significa? Peça a algum dos estudantes para procurar o significado dessa palavra no dicionário e partilhar com a turma o resultado encontrado.

Leia as estrofes seguintes com a turma. Elas falam da interferência e das transformações causadas pela vinda dos europeus (homens brancos) para o Brasil. Converse com os estudantes sobre o primeiro trecho da canção (até a parte que diz: "Mas agora eles só têm um dia / O dia dezenove de abril"). Segundo a letra da música, essa interferência dos europeus foi positiva ou negativa para a cultura indígena? Por quê? Eles concordam com o que a música diz?

Do que falam as estrofes seguintes? Veja se os estudantes conseguem perceber uma comparação entre a vida que levamos – fatos desagradáveis do nosso cotidiano contemporâneo, como a violência contra mulheres e a destruição da natureza – e a forma como os índios viviam/vivem. Que as diferenças na forma de vida dos índios e dos "homens brancos" eles conseguem perceber a partir da letra da música, da história que estamos lendo e do conhecimento que eles já têm sobre o assunto?

Como o compositor retratou o índio nessa canção? De alguma forma, esse "retrato" do índio feito por Jorge Ben Jor dialoga com a imagem que temos da cultura e da comunidade indígena retratada no livro que estamos trabalhando?

Após essa conversa, professor(a), questione se a percepção dos estudantes sobre a música mudou. Pergunte se continuam achando a música "alegre" ou "triste".

Para encerrar, coloque novamente a música para que eles possam acompanhá-la com a letra em mãos.



Descobrimento

Na página 11, lemos: "Foi então que ela disse que daria um jeito na fome de todo mundo. Para isso, o chefe teria apenas que sonhar e em seu sonho encontraria a resposta que tanto precisava".

Nós passamos um terço da vida dormindo e, mesmo que a gente não se lembre, sonhamos todas as noites!

Para os índios, os sonhos são muito importantes. Podem indicar o que devem fazer na caça, o que devem oferecer aos espíritos para conseguirem algo, ou até a aproximação de alguma ameaça. Quando é muito misterioso e difícil de compreender, é o pajé, que tem muita experiência e sabedoria, que ajuda a desvendar o significado do sonho.

Às vezes, as pessoas pensam tanto em algum problema ou situação que acabam sonhando com a solução. Já aconteceu isso com você? Mas, às vezes também temos pesadelos horríveis que queremos esquecer, mas que continuam nos assustando, mesmo quando acordamos.

Foi para se livrar desses pesadelos que os índios Ojibwe, dos Estados Unidos, criaram o filtro dos sonhos, uma espécie de amuleto constituído por um aro feito com gravetos, com uma linha trançada como teia de aranha no centro e penas penduradas. Este povo acredita que, quando anoitece, o ar se enche de sonhos bons e ruins. Alguns pesadelos são importantes e trazem mensagens do Grande Espírito, mas outros são carregados de energias ruins e não trazem nenhum ensinamento ou mensagem, apenas nos fazem mal. Os sonhos bons passam pelo furo central do filtro dos sonhos, enquanto os ruins ficam presos na teia.

Mas não são só os índios que acreditam que os sonhos nos trazem mensagens importantes. Os egípcios escreveram o mais antigo livro dicionário de sonhos, e isso tem mais de 4000 anos! Todo sonho era interpretado como uma previsão do futuro, só que ao contrário. Se o sonho era bom, indicava que algo ruim estava para acontecer, e um pesadelo era sinal de boa sorte. Se eles estiverem certos, melhor não usar um filtro de sonhos, não é mesmo?

Os antigos gregos foram os primeiros a pensar que os sonhos podiam não ser uma mensagem divina, mas sim do próprio sonhador. O médico Hipócrates acreditava que os sonhos dependiam da condição física da pessoa e podiam indicar doenças. Já o filósofo Platão pensava que os sonhos expressavam nossos desejos secretos.

Sigmund Freud, um médico que estudava pacientes com problemas psiquiátricos, concorda com Platão, mas vai mais além em seus estudos. Ele percebeu que, nos sonhos, acessamos nossa memória que não é acessível quando estamos acordados ou conscientes, memórias guardadas em algum lugar escondido na nossa cabeça, no nosso inconsciente. E que eles revelam nossos medos, angústias e vontades.

Professor(a), converse com os estudantes sobre os sonhos: eles costumam se lembrar dos sonhos pela manhã? Alguma vez já tiveram um sonho que trouxesse respostas para algum problema/situação? Ou já sonharam com algo que depois se tornou realidade? De onde vêm os sonhos? E os pesadelos?

Navegando na internet

Você sabia que, no Brasil, existe um projeto de incentivo e apoio à produção de vídeos (filmes, documentários, etc.) feitos por indígenas?

Esse projeto foi criado em 1986 e chama-se "Vídeo nas Aldeias". Começou com a distribuição de câmeras de vídeo e equipamentos de exibição para que as comunidades indígenas retratassem o cotidiano nas aldeias, sua cultura, suas histórias, mitos, etc.; e para criar também uma rede de distribuição desse material que vinha sendo desenvolvido.

Com o passar dos anos, o projeto foi crescendo e chegou, inclusive, a promover encontros entre comunidades, que se conheceram através de vídeos!

No *site* **http:// videonasaldeias.org.br** , você pode saber mais sobre o projeto em si, sobre as comunidades participantes e assistir a vários dos vídeos que já foram produzidos.

Vamos navegar?

Glossário

Aldeia (p.07): Pequeno povoado com poucos habitantes. Pode ser aldeia indígena ou não.

Arvore (se arvorar) (p.10): Assuma por vontade própria, sem consultar ninguém.

Cacique (p.10): Chefe das tribos indígenas.

Igarapé (p.07): Riacho bem estreito, que só dá passagem para canoas ou pequenos barcos.

Matutando (p.11): Pensando demoradamente, refletindo.





2º ENCONTRO

Infância

Primeiras palavras

Professor(a), neste encontro vamos falar sobre a fase mais divertida da vida, aquela em que mais brincamos, a infância! As crianças do livro gostam de subir em árvores, nadar nos rios, atirar com arcos e flechas, pintar umas às outras.

Embora pareçam apenas distrações, é brincando que as crianças crescem, aprendem e se preparam para a vida adulta. Subindo em árvores, nadando, atirando, esses *curumins* vão aos poucos se tornando caçadores ágeis, espertos e preparados para fugir dos perigos e proteger a aldeia.

As brincadeiras das crianças da cidade se parecem com as dos indígenas? Por quê?

De que os estudantes gostam de brincar? O que eles aprendem com essas brincadeiras?

Vamos começar

Como neste encontro abordaremos a infância e as brincadeiras, sugerimos que você prepare alguns brinquedos (ou imagens desses brinquedos) para deixar espalhados pela sala: bonecas, carrinhos, soldadinhos de chumbo, panelinhas, etc.

Quando chegarem os estudantes, peça-os para se aproximarem do brinquedo que é mais significativo em relação à infância deles. Os grupos formados próximos a cada brinquedo devem conversar sobre como utilizam (ou utilizavam) aqueles objetos em suas brincadeiras.

Depois, os grupos demonstram para a turma como se brinca com cada um desses objetos.

Após essa demonstração, a turma deve discutir por que será que esses brinquedos fazem (ou fizeram) parte de suas vidas e da vida de grande parte das crianças brasileiras durante muitos anos. Os estudantes imaginam que, de alguma forma, esses brinquedos remetem a situações da vida adulta? Bonecos de bebês são uma "preparação" para as meninas se tornarem mães um dia? Em caso afirmativo, não seria bom que os meninos também participassem da fantasia, trocando fraldas ou ninando o bebê? Os estudantes acham que os quebra-cabeças e jogos de tabuleiros estimulam o raciocino lógico? Será que os jogos coletivos ensinam a trabalhar em grupo?

Caso você, professor(a), tenha em mente outros brinquedos e outras relações semelhantes, fique à vontade para utilizá-los!

Após essa conversa, podemos introduzir o tema do nosso encontro incentivando os estudantes a refletirem: e as crianças indígenas, os *curumins*, como será que brincam? Será que suas brincadeiras também têm a ver com o cotidiano da vida na aldeia?

Momento da leitura

Professor(a), para este encontro temos três histórias entre as páginas 15 e 23. Organize os estudantes em dois semicírculos, posicionando as cadeiras uma atrás da outra ou, se a turma for mais receptiva, proponha que a atividade aconteça no chão, sentados em almofadas ou até mesmo deitados.

Peça a todos para fecharem os olhos. A primeira história será lida por você em voz alta. A cada frase, solicite que os alunos a repitam a uma só voz. Essa atividade auxilia a se perder o medo de errar ou de se ler em voz alta e você ainda pode brincar de mudar o volume da voz com os estudantes.

Você pode também brincar com o volume da sua voz, lendo mais alto e mais baixo, ou mais próximo e mais distante ou fazendo a voz dos personagens. Após a experiência, pergunte como eles se sentiram, que ideias, palavras ou sentimentos vieram à tona.

Na página 16, lemos: "... não somos adultos em miniatura e sim crianças completas!" O que seria um adulto em miniatura? O que seria uma criança completa? Estabeleça esse diálogo com a turma.

Pergunte acerca dos tatus ilustrados nas páginas 15 e 16, será que estão relacionados ao texto? Como? Será que toda ilustração tem que ser exatamente o texto? Ou pode ser uma interpretação do ilustrador?

Para as outras duas histórias, vamos partilhar piolhos? Metade da turma deverá ler o capítulo "Catando piolhos, ouvindo histórias" e a outra metade deverá ler o capítulo "Outras histórias". Quando acabarem, forme os dois grupos em roda, uma dentro da outra. A roda de dentro deverá caminhar até você bater uma palma. Ao parar, os estudantes contam para quem estiver à sua frente a história lida. Em seguida, é a vez dos estudantes que estiverem na roda de fora caminharem. Ao seu sinal, param e contam para quem estiver à frente a história lida. Essa dinâmica promove a troca de interpretações entre os estudantes, além de despertar o contador de histórias que existe em cada um deles.

Para finalizar, divida-os em dois grupos de acordo com a história lida. Os que leram "Catando piolhos, ouvindo histórias" devem discutir sobre "Outras histórias" e vice-versa.

Aqui vão alguns exemplos de perguntas para estimular o debate:

Catando piolhos, ouvindo histórias

"A gente não cresce só no tamanho, meu filho. Quem cresce só no tamanho não cresce nunca de verdade". (Página 18)

O que a mãe do *curumim* quis dizer com essa frase?

"Às vezes saímos de um lugar sem dele sair. Outras vezes permanecemos num lugar, mas nunca estamos nele de verdade". Você conhece bem o lugar em que vive? Sua escola, os lugares que frequenta? (Página 18)

Em que situações sua imaginação te leva pra longe?

Pela ilustração, podemos saber em que período do dia essa história está acontecendo?

Outras histórias

Que ilustrações temos nas páginas dessa história? Como as imagens dialogam com a história?

O menino agiu certo ao derrubar o amigo da árvore? O que você faria nessa situação?

Você já passou por uma experiência parecida com a do personagem Korú?

Mão na massa

Atividade 1

Professor(a), prepare com antecedência algumas fichas (que podem ser feitas em cartolina, papel cartão, papelão ou outro material similar), deixando-as em branco. Entregue uma para cada estudante e peça-os para escrever uma palavra inspirada na leitura dessa parte do livro.

Depois, recolha todas as fichas e confira, rapidamente, se há palavras repetidas. Caso haja, separe-as do restante deixando apenas uma no bolo.

Deixe no centro da sala papéis craft ou em tamanho A3 com lápis ou canetinhas, ou disponibilize o quadro da sala para a atividade.

A turma será dividida em duas equipes e cada hora um membro de uma das equipes, alternadamente, deverá pegar uma das fichas e tentar fazer a turma adivinhar qual a palavra que ele tirou, através de desenhos, sem poder falar ou escrever. Esse "jogador" terá o tempo de 1 minuto para fazer com que as equipes descubram a palavra.

Cada hora um representante de uma das equipes irá à frente e todos os desenhos valem para ambos os grupos.

O grupo que acertar ganha um ponto, independente do jogador que estiver representando a palavra e, ao final, o grupo que acumular mais pontos é o vencedor.

Ao final da atividade (que pode ser quando acabarem as fichas, quando todos já tiverem representado uma palavra ou quando acabar o tempo determinado previamente para a atividade), a turma deve conversar sobre as palavras que foram escritas e representadas por eles e o contexto do trecho da história que eles leram neste encontro.

Atividade 2

Divida a turma em 4 grupos. Cada qual vai receber uma folha pautada com uma frase iniciada: "Quando eu crescer, eu..."

Um membro do grupo completa a frase e, ao seu sinal, passa a folha para o próximo colega, que deve continuar a escrever exatamente do ponto em que o outro parou. O objetivo desta atividade é criar um texto compartilhado no qual cada um do grupo terá contribuído com uma frase. Quando estiver na vez dos últimos participantes dos grupos, sinalize para que finalizem a história. Em seguida, professor(a), você deve recolher e redistribuir esses textos para grupos diferentes daqueles que os escreveram.

Agora, com o texto em mãos, cada equipe deve criar uma colagem (utilizando-se de revistas, jornais, cola, tesoura, etc.) para representar, com o máximo de detalhes possível, a história que receberam.

Após as colagens prontas, exponha-as para todos da turma e cada grupo terá que observá-las para tentar descobrir qual colagem representa o seu texto, observando os detalhes de cada uma e percebendo as semelhanças e diferenças entre os textos, a partir das colagens feitas.



Momento musical

Brincadeiras cantadas populares

Na cultura popular brasileira (que, por sinal, foi bastante influenciada pela cultura indígena), temos diversos exemplos de "canções de brincar" ou "brincadeiras cantadas". Mas será que as crianças e adolescentes de hoje ainda brincam ou já brincaram com essas canções?

Vamos iniciar este encontro convidando os estudantes a fazerem um passeio pela memória.

Converse com eles e questione-os: Vocês conhecem alguma brincadeira de roda ou canção de brincar?

Deixe que eles se expressem, contando as brincadeiras e as canções que conhecem, comentando se aprenderam com os pais ou os avós, se os adultos também participavam dessas brincadeiras, etc.

Depois, caso eles ainda não tenham falado sobre as canções a seguir, ensine (e brinque) estas três canções para a turma:

Bate Monjolo
Bate o monjolo no pilão
Pega a mandioca pra fazer farinha
Onde foi parar meu tostão
Que passou para a vizinha

Como brincar:

Nesta canção, deve-se escolher uma pessoa que ficará no centro da roda observando. Na roda, as pessoas estão com a mão direita por cima e a mão esquerda por baixo das mãos dos colegas ao lado. Uma das pessoas da roda possui um "tostão" – uma moeda qualquer – que passará de mão em mão durante a canção. Quando a canção terminar, a pessoa que está no centro da roda deve adivinhar quem está com o tostão. Se ela acertar, ela volta para a roda e escolhe outra pessoa para o seu lugar.

Link da canção e da brincadeira:

https//www.youtube.com/watch?v=i-ahRIL9Ve0

O Jipe do Padre
O jipe do padre fez um furo no pneu
O jipe do padre fez um furo no pneu
O jipe do padre fez um furo no pneu
Colemos com chiclete!

Como brincar:

Pode-se fazer em roda ou não, como desejarem. Cada palavra tem um gesto específico (Jipe, padre, furo, pneu, colemos e chiclete). Canta-se a música fazendo os gestos. A cada repetição da letra da canção, suprime-se uma palavra, mantendo o gesto. Para ficar mais interessante e instigante, pode-se também aumentar a velocidade da música a cada repetição. Quem errar vai saindo da brincadeira até que sobre apenas um, que se torna o vencedor, ou até que todas as palavras sejam suprimidas.

Link da canção e da brincadeira:

https://www.youtube.com/watch?v=iBk6iaFqGf0 (a partir do minuto 7:00)

Tará ta ta
Taratatá, taratatá
Guli, guli, guli..guli
la tatá
Taratatá, taratatá
Guli, guli, guli, guli
la tatá
Auê, auê
Guli, guli, guli, guli
la tatá

Como brincar:

Brinca-se em roda. Cada frase tem um gesto específico: taratatá = batendo as mãos no joelho; guli, guli = mão no queixo e na cabeça; auê = acenando para frente. Cada vez que essas palavras são cantadas, deve-se executar o movimento. Depois, para dificultar, faz-se o taratatá no joelho do colega da direita. Depois, o guli, guli no rosto do colega da esquerda. E pra finalizar, acelera-se a canção.

Link da canção e da brincadeira:



https://www.youtube.com/watch?v=jGQEOj0pDI4

Descobrimento

Outra brincadeira de que as crianças indígenas gostam muito é jogar peteca. *Peteg* significa "bater com a mão". Foram os indígenas que criaram a peteca, que encantou os portugueses quando chegaram ao Brasil e foi passada de geração em geração, sendo usada hoje em dia por diversos povos no mundo inteiro. Eles fazem petecas assim: dobram palha de milho para fazer uma trouxinha. Depois, colocam areia dentro dela, para ficar pesada, e amarram em cima com fio de buriti para fechar. Por fim, enfiam penas ou palha de milho desfiada. Para brincar, é só ir batendo com a palma da mão na peteca, jogando um para o outro. Perde quem deixar cair no chão.

Mas como será que essa brincadeira tão simples se tornou um esporte?

Tudo começou na primeira participação brasileira em olimpíadas, nos jogos de 1920, realizados na Antuérpia, na Bélgica. Os atletas brasileiros levaram petecas e jogavam antes das competições, como aquecimento e para relaxamento. A prática atraiu a curiosidade de atletas e técnicos de outros países, que queriam saber o que era aquilo, como era feito e quais eram as regras daquele jogo. Mas peteca era apenas uma brincadeira, não tinha regras definidas. O chefe da delegação brasileira teve que explicar isso e os curiosos ficaram um pouco desapontados. Cerca de vinte anos depois, elas foram criadas e a primeira competição de peteca em quadra foi realizada em Minas Gerais, nos anos 1940. Mesmo assim, foi somente em 1985 que a peteca foi reconhecida oficialmente como esporte no Brasil, pelo Conselho Nacional de Desportos.

Hoje a peteca conta com milhares de praticantes em todo o Brasil e no mundo, especialmente no Japão e na Europa, onde é conhecida como "indiaca".

Navegando na internet

Neste encontro, nós vimos como as crianças indígenas e as crianças que nos cercam costumam brincar. Mas será que *todos os curumins*, ou mesmo, todas as crianças brasileiras e ao redor do mundo brincam da mesma forma?

A *internet* é uma boa ferramenta, capaz de nos apresentar a culturas e tradições diferentes e até distantes geograficamente das nossas.

Então, vamos aproveitar essa ferramenta para buscar conhecer um pouco mais sobre esse assunto? Podemos pesquisar mais brincadeiras indígenas! E que tal conhecermos também alguns brinquedos e jogos japoneses? E as crianças africanas, será que brincam da mesma forma ou com os mesmos brinquedos que as brasileiras? Quais serão as semelhanças? E as diferenças?

"Navegar é preciso", então, mãos à obra!

Sugestões de links:

Sobre tradições, brinquedos e brincadeiras japoneses:

https://umolhargaijin.wordpress.com/category/tradicoes-japonesas/

http://www.nippobrasil.com.br/culturatradicional/n093.php

Sobre brinquedo e brincadeiras de origem africana:

http://pt.slideshare.net/aledalbo/brincadeiras-africanas

http://reiel.loveblog.com.br/400273/JOGOS-e-BRINCADEIRAS-DAS-TRIBOS-AFRICANAS/

https://www.youtube.com/watch?v=cYkCFdyVHB8

Crianças, brinquedos e brincadeiras indígenas:

https://www.youtube.com/watch?v=NRGHiB8jdpE

https://www.nossoclubinho.com.br/quatro-brincadeiras-das-criancas-indigenas/

Brincadeiras brasileiras e suas variações por região:

http://mapadobrincar.folha.com.br/bricadeiras/

Glossário

Curumim (p. 21): Criança.

Paneiros (p.17): Pequenos cestos de vime.

Repentinamente (p.18): De repente, inesperadamente.





3º ENCONTRO

A mãe natureza

Primeiras palavras

"É a onça, mãe da floresta, que me ensina o que preciso saber". (Página 30)

Os indígenas têm uma relação de equilíbrio e respeito com a natureza. Eles sabem que tudo o que precisam para viver está no meio ambiente: ar, água, alimento, casa, ervas que curam doenças e até sabedoria. Por isso, cuidam para que seja sempre assim, usando somente o necessário e respeitando os ciclos da natureza, como o período de colheita de cada vegetal e da reprodução dos animais.

Algumas coisas na natureza nunca param de crescer: o cabelo, as unhas, o dente de um caxinguelê... A população mundial também não para de crescer. E, com ela, crescem as cidades, o consumo e o lixo. Os índios vivem em comunidade sustentável, que satisfaz suas necessidades sem comprometer o ecossistema local. Sustentabilidade é suprir as necessidades de uma geração presente sem afetar a possibilidade das gerações futuras de suprirem as suas. Palavra de ordem no mundo contemporâneo, ser sustentável significa fazer uso dos recursos naturais sempre considerando a capacidade dos ecossistemas de se regenerarem. Converse com os estudantes sobre esse tema. Sugestão de perguntas para iniciar a reflexão: eles já conhecem a palavra "sustentabilidade"? Que ações do dia a dia deles contribuem para a preservação ou para a degradação do meio ambiente?

A natureza tem existência contínua, adaptando-se a uma infinidade de variáveis. Mesmo se o homem tentasse acabar com toda a vida existente, em algum lugar obscuro da Terra, sobreviveria uma colônia de bactérias. E delas evoluiria, em milhões de anos, um novo e complexo sistema de vida, talvez parecido, talvez oposto ao de hoje. Ao preservar a natureza, estamos garantindo a sobrevivência do ser humano. É este hoje o grande desafio da humanidade: garantir seu próprio futuro.

Vamos começar

Tenha, em suas mãos, um globo terrestre (somente o globo, sem a base) ou uma bola, de preferência azul. Leia para os estudantes este trecho do poema de Fernando Pessoa, escrito com o heterônimo de Alberto Caeiro, em "O Guardador de Rebanhos".

Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender...

O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...

Eu não tenho filosofia; tenho sentidos...
Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
Mas porque a amo, e amo-a por isso
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem o que é amar...

Depois, pergunte: "Imaginem que vocês têm o mundo em suas mãos. O que vocês diriam para ele?". Jogue a bola para um dos estudantes responder, segurando-a. Depois, peça para ele passar a bola para outra pessoa e assim por diante, até que todos tenham falado. Finalize com a reflexão: de onde vêm as coisas que mais precisamos para sobreviver, como o ar, o alimento e a água?

Explique aos estudantes que a paisagem pode ser natural, quando todas as coisas que estão nela têm origem na natureza, ou fruto de algum tipo de intervenção do homem, como edificações, praças ou jardins projetados. Nós fazemos parte da paisagem e ela se altera e renova em função das nossas necessidades. Pense na paisagem da cidade do Rio de Janeiro no momento em que os portugueses por aqui chegaram, no século XVI. As encostas da cidade estavam cobertas de sua vegetação nativa, a Mata Atlântica. Através dos séculos, construções, desmontes, aterros e outras intervenções foram moldando os espaços como os conhecemos hoje.

Momento da leitura

Primeira dinâmica

Professor(a), permita que todos os estudantes façam leituras individuais ou partilhadas, em silêncio, da página 24 a 26 até o limite sinalizado pela ilustração dos piolhos. Peça somente a um estudante que estude a imagem da página 28 e a interprete, mas não fale ainda o que viu. Depois, convide os estudantes a fazerem uma roda, todos de pé.

Na página 24, temos a ilustração de um maracá, instrumento musical que contém sementes e grãos no seu interior. Quando agitado, produz o som de um chocalho. Pares de maracás são usados em ritmos musicais latinos e pelas comunidades indígenas. O instrumento tem uma função sagrada, porque é utilizado pelos pajés nos rituais de pajelança. Na página 27, o trecho: "Colocou o maracá sobre o corpo nu e pensou em coisas boas, para que o sono viesse logo" apresenta a importância do maracá para o pajé da infância de Munduruku.

Por isso, nossa leitura de hoje será mediada por um maracá. Produza com antecedência um chocalho com dois copinhos de iogurte ou uma caixinha com sementes. Este será o "maracá" da turma. Estabeleça como regra que somente quem estiver com ele pode falar.

O estudante que está com o maracá começa a ler em voz alta o primeiro parágrafo do texto. Depois, peça para que ele passe o objeto para o colega ao lado ou de maneira aleatória. Quem receber o objeto dará continuidade à leitura do próximo parágrafo em voz alta, e assim por diante, até o desenho dos piolhos na página 26.

Em seguida, todos vão fechar os livros e os olhos para ouvir a história que o leitor da imagem da página 28 vai contar. Para finalizar, pegue novamente o maracá e convide a turma a ouvir a história contada pelo pajé da página 26 (a partir dos piolhos) a 30, narrada por você.

Segunda Dinâmica

Nas comunidades indígenas, todos têm consciência do lugar que o humano ocupa no ecossistema, aprendendo com a própria natureza como conviver com ela, para nunca deixar de tê-la e sempre ter recursos. O lobo-guará, por exemplo, habitante do Cerrado, alimenta-se de pequenos animais e de um fruto que ele não dispensa, a lobeira. Essa fruta nutre e protege o lobo-guará contra um verme-gigante-dos-rins, que é geralmente fatal para ele. Mas não é só o lobo-guará que sai ganhando. Em troca, ajuda na dispersão das sementes dessa planta, que ele espalha nas suas fezes. Dessa maneira, o lobo colhe e também planta, garantindo que sempre haverá lobeiras para ele.

Professor(a), converse com a turma sobre ações e consequências e peça que cada estudante escreva ou desenhe um gráfico que represente um ciclo – pode ser da natureza ou do cotidiano deles.



Mão na massa

Atividade 1

O que existe da natureza ao nosso redor? Que elementos naturais nos cercam? Usando a frotagem, vamos capturar a textura do ambiente em que estamos para o papel. Frotagem vem do francês *frottage*, que quer dizer friccionar, mas a técnica foi desenvolvida por um alemão. Ele observou a textura irregular do piso de madeira da sua casa e teve a ideia de colocar uma folha de papel em cima para copiá-la.

A técnica é bem simples: coloque o papel sobre algo que tenha textura, como uma folha, casca de árvore, semente, uma pedra, uma flor, etc. Depois, friccione sobre o papel um giz de cera ou lápis de carvão na horizontal. A textura do que está embaixo do papel ficará marcada no desenho.

Mas o que é textura?

Textura é o aspecto de uma superfície, ou seja, a "pele" de um determinado elemento, que permite identificá-lo e distingui-lo de outros elementos. Quando tocamos ou olhamos para um objeto ou superfície, sentimos se a sua pele é lisa, rugosa, macia, áspera ou ondulada. A textura é, por isso, uma sensação visual ou táctil.

Atividade 2

Hoje, quando precisamos de tinta, temos uma enorme variedade à nossa disposição nas lojas. Mas, antigamente, os pintores precisavam produzir o material no ateliê. As tintas de tons amarelados e marrons eram obtidas com terra. Já azuis, vermelhos e amarelos intensos vinham dos minerais, que eram mais difíceis de serem encontrados e coletados, por isso eram pigmentos muito caros. Na Idade Média, o mais valorizado era o azul ultramarino produzido a partir de uma rocha rara chamada Lápis-lazúli. O vermelho era produzido com uma mistura de chumbo e clara de ovo. Mas as roupas vermelhas da família real portuguesa saíram mais baratas: foram tingidas com corante extraído do tronco do pau-brasil, árvore que era muito abundante por aqui naquela época. Aliás, vermelho era o que não faltava nestas terras. A tinta vermelha usada pelos indígenas para se pintarem vem da semente de urucum.

Neste encontro, vamos produzir tintas como os índios, utilizando recursos que a natureza nos dá. A receita é bem simples: misture, em 5 recipientes plásticos, 100ml de água e 100ml de cola branca para criar a base das tintas. A coloração será dada pelo último ingrediente:

Marrom – 2 colheres de sopa de pó de café;

Vermelha/laranja – 2 colheres de sopa de colorau ou de sementes de urucum (neste caso, basta amassar um pouquinho as sementes);

Amarela – 2 colheres de sopa de açafrão;

Preta – 2 colheres de sopa de pó de carvão.

Com as tintas prontas, podemos pintar uns aos outros, como os índios, ou em folhas de papel.

Momento musical

O compositor brasileiro Paulo César Pinheiro, um dos mais renomados letristas de sambas do Brasil, mostra-se um apreciador das belezas naturais do Brasil em algumas de suas canções e também demonstra preocupação com os caminhos que o ser humano tem conduzido os cuidados com as nossas riquezas naturais.

Professor(a), prepare estas duas canções para que a turma possa escutar (de preferência, nesta ordem):

Chorando pela Natureza, que fala da tristeza do poeta ao ver a natureza ser destruída. Faz também uma alusão aos elementos/cores da nossa bandeira nacional.

As Forças da Natureza, que trata do ressurgimento da natureza frente todas as destruições pelas quais foi obrigada a passar.

Depois, converse sobre esse ritmo.

Os estudantes costumam escutar esse gênero musical? Quais são os cantores, compositores e grupos que conhecem? Quais instrumentos eles conseguem identificar (pandeiro, violão, cavaquinho, instrumentos de sopro)?

Que relações a turma faz entre as duas canções de Paulo César Pinheiro – semelhanças e diferenças? Eles conseguem ver a relação de "pergunta e resposta" existente entre elas e, nesse sentido, conseguem imaginar qual foi feita primeiro e qual foi feita posteriormente (ou seja, qual seria a provocação ou a "pergunta" e qual seria a "resposta")?

Referência e áudios:

http://www.sambaderaiz.net/sambabook-joao-nogueira/

Descobrimento

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, procurando por um novo caminho para as Índias, onde eram vendidas as mais variadas especiarias, podem até ter ficado um pouco decepcionados, mas não imaginavam que por aqui também encontrariam especiarias, como as pimentas (pimenta-rosa, cajurana, mata-frade, murupi, camapu, murici, olho-de-peixe, ova de aruana, pimenta-de-cheiro e olho-de-pomba), o pó de urucum, a erva-mate, a canela-de-cheiro, as folhas de jambu, entre outras.

Pero Vaz de Caminha, o escrivão da esquadra de Pedro Álvares Cabral, surpreendeu-se com os hábitos alimentares dos índios e escreveu sobre isso em carta ao rei de Portugal: "Eles tinham, a saber, muito inhame e outras sementes, que na terra há e eles comem. (...) Porque os corpos seus são tão limpos, tão gordos e tão formosos que não pode mais ser. E com isto andam tais e tão rijos (...) que o não somos nós tanto com quanto trigo e legumes comemos".

Mais do que fonte de energia, os alimentos são parte da cultura. A culinária indígena é, como tudo em seu estilo de vida, baseada no que a natureza oferece. Carnes de caça, raízes, legumes e frutas são ingredientes do dia a dia dos indígenas. Por isso, as receitas também variam entre os povos, de acordo com o local em que vivem.

Muitos pratos que são comidos por todo o Brasil têm suas origens nas cuias indígenas, como a tapioca que é vendida recheada como lanche na feira, o açaí com banana, o pirão de peixe, o beiju de tapioca, a paçoca, a pamonha e até a pipoca. A própria palavra pipoca vem do tupi *pi'poka*, que quer dizer "estalando a pele". O pintor francês Jean-Baptist Debret, que integrou a missão francesa que veio ao Brasil em 1816, apaixonou-se pelas iguarias feitas com milho (inclusive a pipoca) e declarou que o vegetal é a maior contribuição brasileira para a culinária mundial.

Outra importante contribuição indígena foi o processamento da mandioca. Os índios criaram o tipiti, que é uma espécie de cesto cilíndrico usado para espremer a polpa da mandioca-brava, eliminando seu líquido venenoso e tornando-a comestível. O *tipiti* é tão eficaz que não havia uma casa de farinha no século XIX que usasse outra técnica e até hoje é utilizado pelas pequenas indústrias de farinha da Amazônia.

Navegando na internet

"-Nada há no mundo o que não possa ser compreendido. Mas, para que isso aconteça, é preciso que se queira ouvir as respostas". (Página 29)

Essa foi a resposta da Mãe Natureza aos anseios do *pajé*, ainda jovem.

Ouvir as respostas que a natureza nos dá é uma das mensagens transmitidas pela história que acabamos de ler. Fale sobre algumas maneiras de se reduzir o lixo produzido e as possibilidades de reaproveitamento e reutilização de materiais. Há pessoas que, em casa, transformam o lixo orgânico em adubo. É só colocar os restos de alimentos em uma caixa com serragem e quem faz o trabalho mesmo é a minhoca. Por isso são chamados de minhocários. Elas decompõem o alimento, transformando-os em fertilizantes naturais. O Jardim Botânico do Rio de Janeiro tem uma coleção viva de plantas medicinais. O ideal é que essas plantas não recebam produtos químicos. Assim, foi criado um minhocário que produz adubo para essa coleção temática. E, pensando em reaproveitamento, os invertebrados são nutridos com os restos orgânicos do lanche das crianças da escola municipal vizinha.

Criação de minhocário

www.minhocario.eco.br

Site oficial do Jardim Botânico

www.jbrj.gov.br

Por fim, oriente-os a buscarem dicas de reciclagem criativa na rede. Na *internet*, existem diversas propostas. Quem sabe assim os estudantes não se dispõe a colaborar com o meio ambiente e, ao mesmo tempo, divertem-se um pouco?!

Abaixo, estão alguns endereços de sites de preservação ambiental que tratam desses assuntos:

Reciclagem divertida/criativa

http://greenme.com.br/component/tags/tag/260-reciclagem-criativa

3 Rs (Reduzir, Reutilizar, Reciclar)

http://www.reviverde.org.br/3rs.html

http://purareciclagem.com.sapo.pt/pagina_regra_3rs.htm

Dica:

Um documentário interessante sobre o lixo que produzimos e a forma como isso pode atingir os próprios seres humanos (assim como a vingança da natureza na música trabalhada no momento musical deste encontro) chama-se *Ilha das Flores* (1989), dirigido por Jorge Furtado. Esse filme pode ser encontrado na íntegra na *internet*. Se julgar que é uma boa dica, repasse-a aos estudantes!

Endereço: **https://www.youtube.com/watch?v=e7sD6mdXUyg**

Glossário

Alados (p. 27): Que possuem asas.

Ausentando (p. 27): Afastando, distanciando.

Embrenhar (p. 26): Adentrar, entranhar.

Fazer jus (p. 29): Merecer.

Maracá (p.27): Instrumento indígena semelhante a um chocalho.

Pajé (p. 27): Curandeiro e feiticeiro da tribo. É quem realiza os rituais de cura, a pajelança e se comunica com os espíritos.

Putrificada (p. 24): Apodrecida.

Ronronar (p. 27): Ronco suave emitido pelos felinos. O som lembra um motorzinho.

Sentenciou (p. 30): Determinou, expressou opinião própria.

Submissão (p. 29): Passividade, obediência voluntária e incondicional.




LEMBRANÇA DO
CRISTO REDEMPTOR
80 CORCOVADO
Paracambi
16-4-1927

4º ENCONTRO

De geração em geração

Primeiras palavras

Um objeto, um costume, uma celebração, uma receita... Toda família tem tradições que são passadas de geração em geração. Isso fortalece a identidade do grupo e a união entre os membros, a partir desses laços.

Os indígenas valorizam muito a história e as tradições da tribo, que são passadas de uma geração para a outra. Os espíritos dos antepassados estão sempre presentes. Eles ajudam na caçada, na colheita, sabem controlar a natureza e guiam os pajés nos rituais. As crianças são o futuro da tribo. Elas devem aprender com os mais velhos toda a sabedoria que receberam de seus antepassados e que ganharam com a experiência para futuramente passar para seus filhos, netos, bisnetos...

Nos capítulos que vamos ler neste encontro, vemos que a catação de piolhos é um desses momentos de ensinamento. Com o pai, ele aprende a caçar e, da avó, recebe conselhos sobre namoro e amizade.

O que os estudantes sabem sobre as gerações que vieram antes deles? Que tradições do passado se mantêm em suas famílias? Que lições importantes aprenderam com seus familiares? Esses questionamentos devem permear as discussões ao longo de todo o encontro.

Vamos começar

O encontro de hoje será iniciado com uma roda de conversa. Se possível, providencie alguns quitutes (biscoitinhos, bolo, suco, café), dando ao ambiente um ar de "casa de vó".

O objetivo desta atividade é conversar sobre as características das avós, sejam elas biológicas ou de consideração. Cada estudante deve descrever as características físicas e o jeito das suas avós - se elas são jovens ou mais velhinhas, se são carinhosas, sábias, bravas, próximas ou distante. Citar fatos mais marcantes que aconteceram e frases interessantes que ouviram delas.

Você, professor(a), pode introduzir a conversa mostrando, por exemplo, um retrato ou um objeto da sua avó e narrando um caso ou uma história que ela tenha te contado, ou mesmo, um bom conselho que ela tenha lhe dado.

Essa dinâmica os deixará abertos para o próximo momento do nosso livro *Catando Piolhos, Contando Histórias*, quando falaremos sobre "O saber das avós".

Momento da leitura

É muito interessante fazer um contraponto entre a escrita das histórias "O pai que cata piolhos" (páginas 31 a 35) e "O saber das avós" (páginas 36 a 39). Daniel Munduruku é o autor de ambas, mas a forma de escrever é bastante distinta. Antes de ministrar este encontro, professor(a), leia esses capítulos para estar preparado(a) para instigar os estudantes a perceber e dar o som que esses textos pedem.

Comecemos por duas palavras grifadas com as letras em corpo maior do que o restante do texto: **meu pai**, como se o autor batesse no peito com orgulho ao falar desse pai que é dele. Como é essa figura masculina?

Em letras grandes, escreva em pedaços de papel algumas palavras e trechos que encontramos no texto: caçadores / primeiro observa, examina, para depois agir / onça / à espreita / atentos / certeiras flechadas / cuidadosamente. Distribua-os pela sala e peça para os alunos lerem os papéis um a um para depois responderem: como eles imaginam o pai do Munduruku, a partir dessas informações?

Mostre para a turma que esse texto foi escrito tal qual uma caçada. É a personalidade, o jeito do pai, que está nessas linhas. Peça que eles fiquem atentos e procurem perceber que o pai cata piolhos e conta histórias tal como ele caça. O texto parece um *trailer* de um filme de suspense, cada passo, cada respiração é importante.

Agora é a hora da turma ler em voz alta. Escolha um ou dois rapazes para fazerem essa leitura.

E, se vocês tiverem tempo, proponha que o texto seja lido uma segunda vez com o grupo elaborando uma sonoplastia. Como uma antiga novela de rádio, quando não havia a TV e as imagens precisavam ser criadas apenas a partir das palavras, ruídos e música, os estudantes podem elaborar uma paisagem sonora. Que tal ouvir o relato da caçada pisando em folhas secas, escutando o piar dos pássaros e o barulho de algo se mexendo na mata?

Bem, chegamos à página 37. Aqui é a voz das "mulheres velhas que chamamos de avós". Apesar da energia que a avó tem: "seus dedos eram ágeis, teciam as talas de bambu com tanta velocidade que era difícil acompanhá-la", repare como o ritmo mudou. Aqui podemos nos imaginar acocorados ou sentados em um banquinho, sem pressa. O pai ensinou a estar atento, a avó vai ensinar a refletir e conhecer os sentimentos.

Peça que três estudantes se candidatem a ler em voz alta esse trecho, pensando em tudo o que foi conversado. Um será o autor menino, outra, a avó e um terceiro, o narrador (que é o autor já adulto).



Mão na massa

Relógio da vida

Como neste encontro estamos tratando também da ideia do ciclo da vida, professor (a), proponha que os estudantes reflitam sobre como foram (ou como são) na infância, como eles se veem na juventude e imaginem como pretendem ser num futuro mais distante. Se for possível, peça aos estudantes para trazerem fotos deles quando bebês e atuais.

Distribua aos estudantes círculos de aproximadamente 30 cm feitos em papel cartão, panamá ou papelão.

A ideia é que eles escolham em jornais e/ou revistas ou desenhem imagens de pessoas que eles julgam que, de alguma forma, assemelham-se a eles em cada fase da vida: infância, adolescência/juventude, fase adulta e velhice. Caso eles tenham trazido as fotos solicitadas, elas substituirão algumas dessas imagens.

Você deve orientá-los a construir uma espécie de relógio, no qual, em cada um dos quatro pontos (correspondentes aos números 3, 6, 9 e 12 de um relógio convencional), deve ser colada uma das imagens escolhidas, seguindo a sequência cronológica (infância, juventude, fase adulta e velhice).

Entre as figuras de pessoas, eles devem colar palavras e imagens que expressem suas características entre essa fase da vida e a seguinte, as coisas que construíram ou pretendem construir/adquirir nesse período de vida, etc.

Para esta atividade, disponibilize revistas, jornais, panfletos publicitários, etc., para que os estudantes possam pesquisar e selecionar essas imagens e palavras.

Ao final, cada um apresenta para o resto da turma o seu relógio da vida.

Momento musical

Música de "vó"

Este momento musical será dividido em duas partes.

A primeira é uma pesquisa, em que os estudantes deverão buscar aprender com suas avós as canções que elas costumavam ouvir e cantar quando tinham a idade deles.

O segundo momento é em sala. Vamos realizar um jogo a partir da coleta das canções. Cada estudante deve escolher uma palavra da canção que aprendeu com sua avó e escrevê-la em uma ficha, previamente preparada por você (ficha simples de cartolina, de aproximadamente 5x15cm).

Todas as fichas serão reunidas em uma caixa e a turma será dividida em 4 grupos: A, B, C e D.

O grupo A sorteia uma ficha e a passa para o grupo B. Cada um do grupo B deve cantar uma música que contenha aquela palavra, sem repetir.

Se o grupo inteiro conseguir cantar uma canção com a palavra sorteada, acumula um ponto e sorteia outra palavra para o grupo C jogar. Caso não consiga, apenas sorteia uma nova palavra para o grupo C, sem marcar pontos. Em seguida, o grupo C repete a mesma dinâmica.

O jogo termina quando todas as fichas acabarem ou, de acordo com o tempo de execução da atividade, quando todos os grupos jogarem o mesmo número de vezes. O grupo que acumular mais pontos é o vencedor.



Descobrimento

As pinturas corporais são uma característica marcante da cultura indígena e fazem parte do seu dia a dia. Além de embelezar, proteger a pele do sol, ser repelente contra os insetos e, segundo a crença, afastar os maus espíritos, é uma forma de expressão e varia de acordo com a ocasião: cerimônias, guerra, luto, caça. Em alguns povos, o modo como o corpo é pintado indica que a pessoa está à procura de um parceiro.

Os motivos e padrões também variam. A arte Kusiwa dos índios Wajãpi do Amapá é composta principalmente por figuras de animais, partes do corpo ou objetos. É tão particular e representativa da cultura da tribo que recebeu da UNESCO o título de Obra-Prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade. Isso mesmo, patrimônio oral. A técnica da pintura, assim como toda a cultura e tradição indígenas são passadas de geração em geração através da oralidade. As crianças aprendem com os mais velhos, em rituais, eventos, contações de histórias e diálogos. As pinturas do povo Munduruku apresentam formas geométricas, como círculos, triângulos e losangos, que representam as formas da natureza.

As tintas são preparadas a partir de frutas e sementes, e as pinturas são feitas com os dedos ou com gravetos. Alguns povos fazem uma espécie de "carimbo" com caroços de frutas de formatos variados partidos ao meio.

Peça para os estudantes observarem as ilustrações do livro, especialmente a da página 36. Pergunte se a avó retratada se parece com as avós deles. Por quê? O que é isso no queixo da avó? Barba? Questione se são apenas os índios que usam pinturas corporais. Nos casamentos da cultura hindu, por exemplo, a noiva tem todo o seu corpo pintado com desenhos que simbolizam sorte para ela em sua nova vida. As mulheres casadas são facilmente reconhecidas pelo sinal vermelho pintado entre as sobrancelhas. Quando as pessoas fazem tatuagens e usam maquiagem, também não é uma forma de expressão?

Navegando na internet

Em grande parte das culturas, uma das maneiras mais comuns de um adulto transmitir conhecimento para os mais novos é através da arte de contar histórias. Em alguns casos, essas histórias são lidas, em outros, são inventadas e, em muitos, são aprendidas e repassadas de geração em geração.

O ato de contar histórias se popularizou de tal forma que hoje existem muitas pessoas se profissionalizando nessa arte e difundindo seu trabalho pela *internet*. Vale a pena fazer um passeio virtual para conhecer um pouquinho do trabalho de algumas dessas pessoas e também se encantar com algumas de suas histórias.

Alguns links interessantes:

www.tapetescontadores.com.br

www.kiaraterra.blogspot.com.br

www.augustopessoacontadordehistorias.blogspot.com.br

Glossário

Abundância (p. 33): Fartura, em grande quantidade.

Acocorou-se (p. 34): Sentou-se sobre seus calcanhares.

Afagou (p. 38): Acariciou, fez carinho com as mãos.

Brusco (p. 34): Repentino, rápido, indelicado.

Desfalecido (p. 34): Abatido, desmaiado.

Desferir (p.34): Lançar, disparar.

Esquartejá-la (p. 34): Cortá-la o corpo dividindo-o em quatro partes.

Felinos (p. 35): Animais do gênero do gato.

Queixada (p. 33): porco-do-mato grande, com faixas de pelo claro próximas ao queixo.

Tecem (p. 37): Entrelaçam fibras ou fios para formar algo.

Urucum (p. 33): Fruto do urucuzeiro, planta amazônica.





5º ENCONTRO

Catando piolhos

Primeiras palavras

A expressão "catando piolhos" está no título do livro e aparece diversas vezes até seu fim. Catar piolhos na cabeça de outra pessoa demonstra cuidado, carinho, intimidade e atenção. Além de ser um momento de trocar, conversar, contar e ouvir "causos", refletir e desabafar.

Ter piolhos é comum na infância, e quem cata piolhos ajuda o outro a se livrar do incômodo das coceirinhas causadas pelo bichinho. No final do livro, o autor diz que, mesmo adulto, de vez em quando ainda tem piolhos na cabeça e que sua mãe continua o ajudando a se livrar deles, mas que agora os chama de inquietações. São pensamentos que insistem em perambular por nossas cabeças e, muitas vezes, nos incomodam. Conversar, ler, contar e ouvir histórias é como "catar piolhos", a gente aprende e entende melhor as coisas.

Sua mãe catando piolhos em sua cabeça é uma boa lembrança da infância do autor, que faz a mesma coisa com seus filhos. Que memórias os estudantes trazem da infância sobre cuidado, carinho, atenção e que pretendem repetir com seus filhos? Como se livram dos "piolhos" chamados inquietações?

Vamos começar

Para a realização desta atividade, precisaremos de balões (bexigas de festa) e canetas hidrocor.

Professor(a), receba os estudantes, dando-lhes as boas-vindas, falando que estão chegando na reta final deste "Percurso" e perguntando se eles estão gostando dessa "caminhada até aqui".

Depois, converse com os alunos sobre o termo "catando piolhos", que está no título do livro e em outros momentos da nossa leitura, e questione-os: em que situações esse termo apareceu nas histórias lidas?

Como os piolhos que o autor diz ter até hoje e que agora se chamam inquietações, pergunte aos estudantes que "piolhos" eles têm em sua cabeça, ou seja, o que os incomoda e os faz "coçar a cabeça"?

Distribua os balões, um para cada estudante, e peça-os para encherem e darem um nó em sua ponta. Em seguida, eles devem escrever com o hidrocor no balão quais são suas inquietações, ou quais são os piolhos que os incomodam atualmente.

Quando todos já tiverem feito isso, eles devem começar a brincar com os balões no ar, sem segurá-los e sem deixá-los cair no chão. Eles podem trocar de balões, mas o objetivo é não deixar nenhum balão cair.

Aos poucos, professor(a), peça alguns alunos para saírem da brincadeira, deixando seus balões no jogo. Quando começar a ficar muito difícil para os estudantes que ainda estiverem na brincadeira, pare o jogo e converse com eles.

O objetivo é que eles percebam que, quando eles dividem suas inquietações com outras pessoas, fica mais fácil "equilibrá-las", resolvê-las, do que quando tentam fazer isso sozinhos.

Momento da leitura

Chegamos às últimas páginas do livro *Catando Piolhos, Contando Histórias*. Páginas 40 a 45. Esse livro tem um formato bastante original. Ele dedica seis páginas para apresentar o autor e a ilustradora.

Nas páginas 40 e 41, começamos o texto com duas palavras grifadas: "Hoje cresci". Leia só essas palavras e pergunte aos estudantes quem está contando essa história. Já sabemos que o autor Daniel Munduruku é também personagem do livro. Mas aqui ele marca a passagem do tempo e assim, de certa forma, dá adeus ao menino personagem para dizer aos leitores que agora quem lhes fala é o autor adulto. Escolha um estudante que projete bem a voz para ler em voz alta para a turma e passar o clima de segurança da maturidade. Peça aos estudantes que procurem as semelhanças e diferenças entre o menino e o homem nesse texto.

Engraçado... na página 40, está o título *Última história*, mas virando a folha encontramos, nas páginas 42 e 43, mais uma história: *Uma conversa ao pé do ouvido, ou como fiz para ilustrar este livro*. Lance essa questão para os estudantes. Qual foi o ponto de vista deles? De fato, o autor termina o seu relato, que se inicia na infância e termina na vida adulta, na página 41, mas agora uma segunda pessoa, um novo narrador, vai nos contar a sua versão do que leu. Aqui a ilustradora deixa lápis, pincel e tintas de lado e toma como instrumento as palavras. Maté vai explicar como quis representar em imagens a história de Daniel.

Para que o texto da Maté fique claro aos estudantes, professor(a), nossa indicação é que você leia antes do encontro as explicações que estão na sessão Navegando na *internet*. A ilustradora cita termos das Artes Visuais que talvez não sejam do seu domínio ou da turma. Uma boa experiência é trazer imagens de pinturas do Renascimento, como *A Última Ceia*, de Leonardo da Vinci, e *A Criação de Adão*, pintada por Michelangelo no teto da Capela Sistina. Instigue os estudantes com perguntas: nas ilustrações das páginas 9, 13 e 28, podemos ver o que está na frente e o que está mais para o fundo ou em cima e embaixo? Agora responda às mesmas questões olhando as pinturas do Renascimento. Maté usa como recurso para dar esses efeitos alguns "truques": o que está na frente pode ser desenhado em um tamanho maior do que a imagem que está longe, que é representada em tamanho menor (como na página 13). A casa, o animal ou a pessoa que está na frente pode ser desenhado por cima da figura que está atrás (como nas páginas 9 e 28). A ilustradora não usou as regras da matemática para construir perspectivas, como nas pinturas do Renascimento.

Depois do exercício visual, voltemos ao texto. Nas páginas 44 e 45, temos uma segunda apresentação do autor e da ilustradora. Por quê? Existem padrões na produção de um livro, mas também é possível inovar, criar outras possibilidades. Em muitos livros, a apresentação do autor e ilustrador é escrita na terceira pessoa. Aqui esses textos estão na primeira pessoa. Apesar do pronome da primeira pessoa do singular, eu, não aparecer destacado, ele está implícito nos verbos: sou, escrevi, tenho. Não é o editor ou um amigo que fala deles, são os próprios. Perceber essas diferenças é importante para que os estudantes pratiquem em suas redações. Existem muitas formas de se contar uma história. Que tal começar a reparar nisso nos próximos livros? Essa busca pode se tornar um jogo de detetive. A turma pode se surpreender com as soluções encontradas pelos autores. O escritor angolano Agualusa, em seu romance *O Vendedor de Passados*, escolhe contar o que se passa através do olhar de uma lagartixa. Já em *Memórias Póstumas de Brás Cubas,* como o título bem diz, a narração é feita postumamente. O narrador se autointitula um defunto-autor – um morto que resolveu escrever suas memórias.

Nas páginas 40 e 41, Daniel Munduruku fala de si, mas de forma literária. Já na página 44, apesar de adotar o tom coloquial, a apresentação é informativa. Mas Maté usa outra divisão. Nas páginas 42 e 43, usa um título que faz parecer que é mais um capitulo da história, mas o texto não é literário e traz informações técnicas a respeito da proposta do traço. E, na página 45, Maté fala de si.

Mão na massa

Livro de memórias

Professor(a), anuncie aos estudantes que, nesta atividade, vamos fazer um livro de memórias e pergunte a eles: como se faz um livro?

Em primeiro lugar, temos que definir um tema. Neste caso, o tema já está definido: memórias! Então, vamos às funções. No livro, as duas últimas histórias lidas foram apresentações do autor e da ilustradora, portanto, já conhecemos aí duas funções: escrever e ilustrar.

Como este será um livro artesanal, escrito à mão, é importante também definir quem fará o acabamento – grampear as páginas, numerá-las, etc. - e quem vai escrever as histórias nas páginas. Divida os estudantes em 4 grupos aproximadamente. Será produzido um livro por grupo.

Os estudantes vão conversar a respeito das memórias que trazem da infância sobre cuidado, carinho e que pretendem repetir com seus filhos no futuro. Eles devem escolher entre as histórias contadas quais serão escritas.

Depois, oriente-os para que entrem em acordo na separação das funções. Quem vai escrever essas histórias? Quem irá ilustrá-las? E, por fim, quem fará os acabamentos? Estimule-os a usar a criatividade e elaborar o formato do livro como quiserem.

Distribua os materiais para os grupos:
Papéis A4 (se possível com opções de cores);
Tesoura;
Lápis de cor;
Canetinhas;
Canetas (se possível com opções de cores);
Grampeador.

Ao final, peça para que cada grupo apresente seu livro e fale um pouco sobre as escolhas de formato, cor, letra e ilustração.

Momento musical

As músicas são muito importantes nas tradições indígenas. Estão presentes em cerimônias, rituais e celebrações de todos os tipos.

No Brasil, existe uma fundação governamental responsável por cuidar, registrar e preservar as culturas indígenas no país, que se chama FUNAI – Fundação Nacional do Índio. No site da FUNAI, é possível encontrar registros de canções de diversas tribos, com motivações distintas.

Coloque algumas dessas canções, de tribos diferentes, para os estudantes escutarem. Converse com eles sobre suas impressões, as diferenças de sonoridades entre as tribos e também entre as músicas indígenas e as músicas que eles estão acostumados a escutar.

www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/sons-indigenas

Descobrimento

Cafuné, dengo, chamego, catação de piolhos... O universo dos carinhos está repleto de termos curiosos. Vamos descobrir a origem deles e seus diversos significados?

O termo “cafuné” tem origem africana. *Ki fune* remete ao estalido produzido pelas unhas na cabeça de uma pessoa de quem se tira piolhos. O dicionário Lexikon define como o ato de acariciar a cabeça de alguém para fazê-lo adormecer.

Catar piolhos pode ser entendido como simplesmente o ato de se procurar e retirar piolhos da cabeça de alguém, mas também pode ter outros significados. Para o autor Daniel Munduruku, “educar é como catar piolho na cabeça de criança. É preciso ter confiança, perseverança e um certo despojamento. É preciso também conquistar a confiança de quem se quer educar para fazê-lo deitar no colo e ouvir histórias”.

O pesquisador paulistano Hugo Pedro Carradore explica a origem do cafuné em uma monografia: “A prática do cafuné no Brasil tem as suas origens nos navios negreiros, quando os piolhos atormentavam os escravos, nos fétidos e escuros porões, quando cruzaram o Atlântico. Do catar piolhos, nasceu um requintado entretenimento, que tomou conta da elite formadora da sociedade rural brasileira. Contudo, não há uma prioridade africana nessa atitude ativa e passiva do cafuné. A ação de entregar a cabeça a alguém para coçá-la levemente tem analogia na cultura indígena. O cafuné encontra seu correspondente na sociedade xinguana, e o ato de catar piolhos é, entre os índios, uma demonstração de afeto".

Chamego é uma palavra popular brasileira que remete a carinho, afago, uma afeição por alguém ou algo que é recheada de ternura e cumplicidade. Permeia os casais de namorados e também o amor de uma criança por seu bichinho de pelúcia.

Assim como dengo, que na versão brasileira significa carinho, ternura, meiguice, e provém do termo angolano *ndéngo*, que significa doce, sedoso, macio.

Pergunte aos estudantes o que eles acham da sonoridade dessas palavras. Elas soam carinhosas? Peça para que cada um invente uma nova palavra que remeta à sensação de uma catação de piolhos.

Navegando na internet

Maté, a ilustradora de *Catando Piolhos, Contando Histórias*, citou várias referências utilizadas para a criação das ilustrações do livro no capítulo "Uma conversa ao pé do ouvido, ou como fiz para ilustrar este livro". Será que os estudantes sabem do que se trata cada uma dessas referências?

"Em vez da perspectiva tradicional, que apresenta somente o ponto de vista de uma cena, tentando dar a ilusão da realidade tridimensional (é uma herança do Renascimento que nada tem a ver com a cultura munduruku), usei, às vezes, uma forma de representação com vários pontos de vista ao mesmo tempo." (Página 42).

Antes de pesquisarmos na *internet*, explique essas informações para os estudantes a respeito da técnica de perspectiva criada no Renascimento, que dá à pintura (que tem 2 dimensões – altura e largura) a ilusão de 3D (3 dimensões – altura, largura e profundidade). Sabemos que um objeto tem volume, mas um desenho não. Essa é a terceira dimensão, que faz com que alguns elementos do quadro pareçam estar mais à frente e outros lá no fundo.

O que quer dizer Renascimento? (Re)Nascimento, nascimento de novo. Na história, é um momento em que o homem e o pensamento científico foram valorizados, depois do período medieval, quando a produção artística estava voltada para a Igreja. O movimento começou na Itália, no século XIV, e difundiu-se por toda a Europa, durante os séculos XV e XVI. A vontade de conhecer, o espírito de investigação e de pesquisa e a observação atenta dos fenômenos naturais transformaram a época em um campo das ciências e das artes, áreas irmãs que, unidas, dariam ao saber renascentista um passo adiante do que havia sido feito no passado, na Antiguidade greco-romana.

Como foi criado o efeito de profundidade? A matemática foi aplicada na arte e assim foi possível desenhar um espaço com efeito de profundidade, como se o quadro fosse uma janela aberta. Quando nos localizamos diante de uma rua comprida e reta, vemos que as duas calçadas parecem se tocar lá no fundo, na linha do horizonte. Os artistas renascentistas perceberam que o espaço poderia ser calculado a partir de um único ponto. Se pegarmos uma régua e traçarmos as linhas que se formam em um quadro, encontraremos o ponto de fuga calculado pelo artista para que toda a composição se aproxime da imagem vista pelo olho humano. É como se pudéssemos enxergar uma imagem tridimensional – ou seja, com profundidade – em uma superfície plana. Essa técnica se chama perspectiva, conceito que surgiu na arquitetura e foi logo aproveitado na pintura. A ilustradora Maté explica que não trabalhou com a perspectiva tradicional do Renascimento.

"(...) usei, às vezes, uma forma de representação com vários pontos de vista ao mesmo tempo. Como na arte egípcia, no cubismo..." (Página 42).

Para entender a frase da ilustradora, é importante saber o que é o Cubismo. Imagine se pudéssemos olhar uma pessoa de frente e, de uma só vez, vê-la de todos os lados? Pablo Picasso, com pincel e tinta, criou obras que revelavam o que estava escondido. Um rosto passa a ser pintado de perfil e de frente ao mesmo tempo.

Durante séculos, a pintura, a escultura, a gravura e o desenho foram as únicas maneiras de registrar cenas, lugares e pessoas. Em 1839, é inventada a fotografia e os pintores deixam de ter a obrigação de retratar o real. A pintura rompe com a arte da ilusão (é isso que a ilustradora Maté se refere quando diz que não usou a perspectiva tradicional, herança do Renascimento), com o que faz parecer real, revelando suas características, como as pinceladas, as cores e a luz.

Em 1907, Picasso visitou o museu de etnografia em Paris e conheceu as máscaras cerimoniais africanas, que representam o rosto com formas geométricas e poucos elementos, como olhos e boca. Elas o impressionaram muito pela simplicidade. Nesse mesmo ano, Picasso pinta o quadro *As Senhoritas de Avignon*, que marca o início do Cubismo, movimento artístico que fragmentou o objeto em pontos de vista variados.

A *internet* é uma enciclopédia gigante, mas o problema é que, muitas vezes, é difícil separar as informações que foram postadas por pessoas que conhecem bem os assuntos de dados equivocados. Por isso, se a turma quiser aprofundar algum conhecimento de História da Arte, um *site* de referência é a enciclopédia do Itaú Cultural:

www.enciclopedia.itaucultural.org.br

Agora vamos navegar na *internet* e procurar imagens de: arte egípcia, Cubismo, arte das culturas indígenas, desenhos de criança, Renascimento.

Glossário

Aquarela (p. 42): Um tipo de pintura feita com tintas diluídas em água.

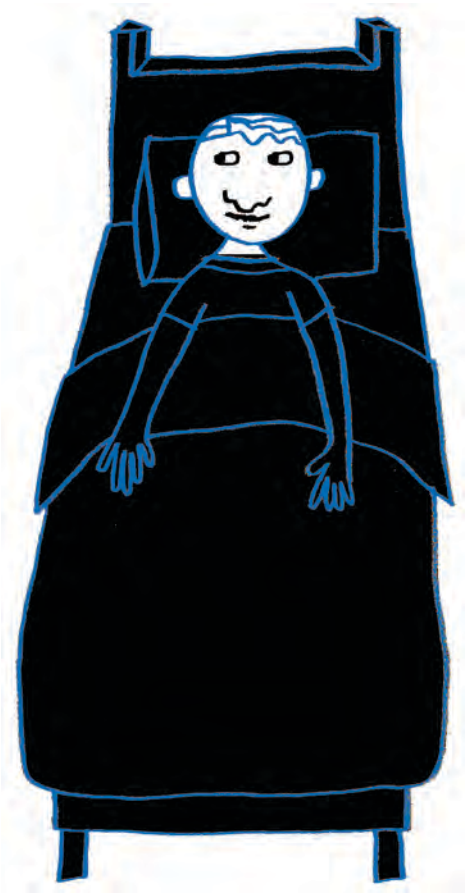
Intitulada (p. 42): Denominada, que tem o título.

Inquietações (p. 40): Incômodos, agitações.

Motivo (p. 43): Tema ou figura que se repete.

Torso (p. 43): Tronco, parte central do corpo.

Tridimensional (p. 42): Em três dimensões: altura, largura e profundidade.





FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO

Presidente
José Roberto Marinho

Secretário-Geral
João Alegria

Gerente de Produção
Deca Farroco

Líderes de Produção de Conteúdo
Maria Clara Boing
Maria Corrêa e Castro
Thyago Corrêa

Supervisão Artística
Marcio Motokane

Produção Executiva
Joana Levy

Assistente de Produção
Valéria de Cássia

Gerente de Implementação
Heloisa Mesquita

Coordenação de Implementação
Adriana Trindade
Fátima Gabriel
Ingrid Bertoldo
Karen Lucena
Renan Silva
Ricardo Pontes

Gerente de Desenvolvimento Institucional
Tânia Pimenta

Gerente de Comunicação
José Brito

Assessoria Jurídica
Ana Érika Marques

Assessoria de Pesquisa e Avaliação
Rosalina Soares

FICHA TÉCNICA

Redação
Daniela Schindler
Dayla Duarte
Fernanda Saul
Marina Clara

Edição
Daniela Schindler

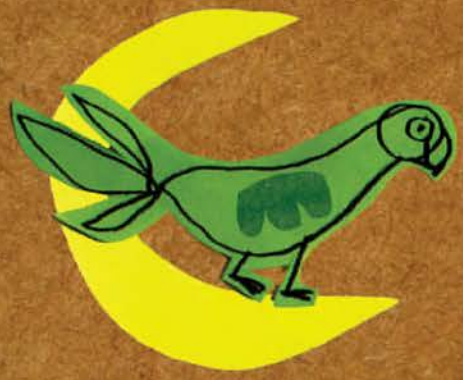
Revisão
Tatiane Rezende

Projeto Gráfico
André Ferreira Lima

Ilustração
Mariana Massarani

Produção
Sapoti Projetos Culturais

Fundação Roberto Marinho





Fundação
Roberto
Marinho